

Semântica: Tempo e aspecto, léxico



**A aquisição de Tempo e Aspecto: uma investigação
sobre a emergência de estruturas verbais e a influência do
aspecto semântico sobre o aspecto gramatical no processo de
aquisição da linguagem**

***The Tense and Aspect acquisition: an investigation
on the emergence of verbal structures and the influence of the
semantic aspect on the grammatical aspect in the language
acquisition process***

Arabie Bezri Hermont

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

arabie@uol.com.br

<http://orcid.org/0000-0003-2551-6145>

Kelly Cesário de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

kellycesario@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-6262-5976>

Lucas Segantini Brito

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

lucassegantini2812@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-2860-9323>

Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa que objetivou verificar a aquisição de formas verbais relacionadas a tempo e a aspecto, demonstrando resultados de uma investigação realizada após o estudo do surgimento de estruturas verbais (na forma simples e na forma perifrástica – auxiliar e verbo principal) efetivamente produzidas por cinco crianças monolíngues, entre 2 anos de idade e 5 anos e 11 meses de idade, no processo de aquisição de linguagem. O *corpus* utilizado foi catalogado

por dois integrantes do grupo eLinC - Estudos em Linguagem e Cognição (a sair). Objetivou-se entender, além disso, em que medida as noções de aspecto semântico/lexical influenciam ou não no surgimento das marcações aspectuais gramaticais. Este trabalho tem duas hipóteses: (i) na gramática infantil, a noção de aspecto surge, de forma mais recorrente, antes da noção de tempo e (ii) quando as formas verbais no presente e no pretérito perfeito surgem, o que está expresso é o aspecto. A partir de análises qualitativas, entendemos que o aspecto é uma categoria que surge antes de tempo, mas, mesmo assim, crianças mais jovens apresentam a categoria tempo em suas produções espontâneas, o que vai ao encontro do que preconiza a Teoria Gerativa, quadro teórico adotado para a realização desta pesquisa.

Palavras-chave: aquisição de linguagem; aspecto; tempo; psicolinguística; teoria gerativa.

Abstract: This article presents the results of a research that aimed to verify the acquisition of verbal forms related to tense and aspect, demonstrating the results of an investigation carried out after the study of the emergence of verbal structures (in simple form and in periphrastic form – auxiliary and main verb) effectively produced by five monolingual children, between 2 years old and 5 years and 11 months old, in the process of language acquisition. The *corpus* used was cataloged by two members of the eLinC group – Studies in Language and Cognition (in press). The objective was to understand, in addition, to what extent the notions of semantic/lexical aspect influence or not on the appearance of grammatical aspect marks. This work has two hypotheses: (i) in children's grammar, the notion of aspect appears, more recurrently, before the notion of tense and (ii) when the verbal forms in the present tense and in the perfect past tense appear, the aspect is expressed. Based on qualitative analyses, we understand that the aspect is a category that appears before tense, but, even so, younger children present the tense category in their spontaneous productions, which is in line with what the Generative Theory advocates, which is the theoretical framework adopted to carry out this research.

Keywords: language acquisition; aspect; tense; psycholinguistics; generative grammar.

Recebido em 28 de janeiro de 2022

Aceito em 09 de março de 2022

1 Considerações iniciais

O estudo da aquisição da linguagem teve seu início a partir de registros em diários de dados da fala da criança e foi seguido por muitas pesquisas à luz do behaviorismo. Foi somente depois dos anos 50 do século XX que vimos estudos de aquisição sob a ótica da teoria gerativa,

que concebe uma gramática mental, o que faz com que as pesquisas possam ser realizadas a partir de dados coletados de fala espontânea de crianças em intervalos regulares. Nesse raciocínio, este trabalho versa sobre a aquisição das categorias gramaticais tempo e aspecto em um viés Psicolinguista, uma vez que investiga fenômenos linguísticos na aquisição de linguagem, com motivação cognitiva, pois entender como as categorias tempo e aspecto emergem na gramática infantil é inserir-se em uma perspectiva linguística e psicológica.

O trabalho da criança ao adquirir a sintaxe de uma língua estaria ligado à aquisição de um léxico, constituído de palavras de classe aberta (por exemplo, nomes, adjetivos, verbos) e de classe fechada (por exemplo, as categorias funcionais, como determinantes, complementizadores e as categorias de tempo e aspecto). Para alguns estudiosos, os elementos funcionais, de um modo geral, estariam ausentes da fala da criança. Entretanto, vários autores demonstram que as categorias funcionais já estariam presentes na produção e na compreensão da linguagem da criança desde muito cedo, como Wexler (1996, 1998).

Nos últimos anos, houve um crescimento expressivo de pesquisas nas áreas que investigam a produção e a compreensão das categorias funcionais na gramática de crianças em fase normal de aquisição da linguagem e duas categorias que têm recebido atenção são a de tempo e a de aspecto. Tempo, nessa perspectiva, situaria o momento de ocorrência de uma situação: no passado, no presente ou no futuro. Aspecto seria uma noção ligada a diferentes formas de verificar a constituição temporal interna da situação, como, por exemplo, a sua duração ou sua conclusão ou não.

Este trabalho adotará os pressupostos da Teoria Gerativa, que assume que o conhecimento linguístico pode ser explicado levando-se em conta a existência de um conhecimento inato, codificado biologicamente, que é a Gramática Universal. Há muito tempo e com diversas reflexões, os estudos de Princípios e Parâmetros – P&P – (CHOMSKY, 1981, 1995) vêm promovendo a investigação das categorias funcionais e, diante disso, declaramos que o objetivo geral deste artigo é entender como as categorias tempo e aspecto estão representadas nas gramáticas de crianças em processo de aquisição de linguagem. Assim sendo, esta pesquisa, apoiada na Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996), objetivou verificar a aquisição de formas verbais relacionadas a tempo e a aspecto e demonstrar resultados de uma investigação realizada após o estudo do surgimento de estruturas verbais (na forma simples e na

forma perifrástica – auxiliar e verbo principal) efetivamente produzidas por cinco crianças monolíngues no processo de aquisição de linguagem. Além disso, havia um objetivo mais específico que é entender em que medida as noções de aspecto semântico/ lexical influenciam ou não no surgimento das marcações aspectuais gramaticais.

Duas hipóteses são estabelecidas: (i) na gramática infantil, a noção de aspecto surge, de forma mais recorrente, antes da noção de tempo e (ii) quando as formas verbais no presente e no pretérito perfeito surgem, o que está expresso é o aspecto.

Esta pesquisa foca-se em análise *off-line*, já que trabalha com dados já transcritos com dados de falas espontâneas de criança sem medição de tempo na produção. O *corpus* utilizado foi catalogado por dois integrantes do grupo eLinC – Estudos em Linguagem e Cognição¹ –, e constitui-se de gravações, realizadas entre 2016 e 2017, de falas espontâneas de crianças no período de aquisição de linguagem, que moram na cidade de Belo Horizonte e região metropolitana. Assim, selecionaram-se dados de algumas fases de aquisição de linguagem de cinco crianças com idade entre dois a cinco anos. A fim de obter um quadro mais completo da expressão de tempo e aspecto na fala dessas crianças, foram selecionados todos os verbos e perífrases verbais (auxiliar e verbo principal) e foi verificado como as categorias gramaticais de tempo e de aspecto se apresentam na produção linguística de cada criança. Foram realizadas, por fim, análises qualitativas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos uma breve abordagem de principais pressupostos da Teoria Gerativa. Na seção seguinte, demonstraremos distintos conceitos de tempo e de aspecto, objeto de estudo deste trabalho. Na seção 3, trazemos um aporte teórico sobre aquisição de linguagem, detendo-nos em Wexler (1998), inspirador para a explicação dos dados obtidos em nossa pesquisa e em algumas pesquisas que tratam da aquisição de aspecto. Nas seções seguintes, traremos a metodologia e a descrição e análise de dados. Por fim, traçamos as considerações finais.

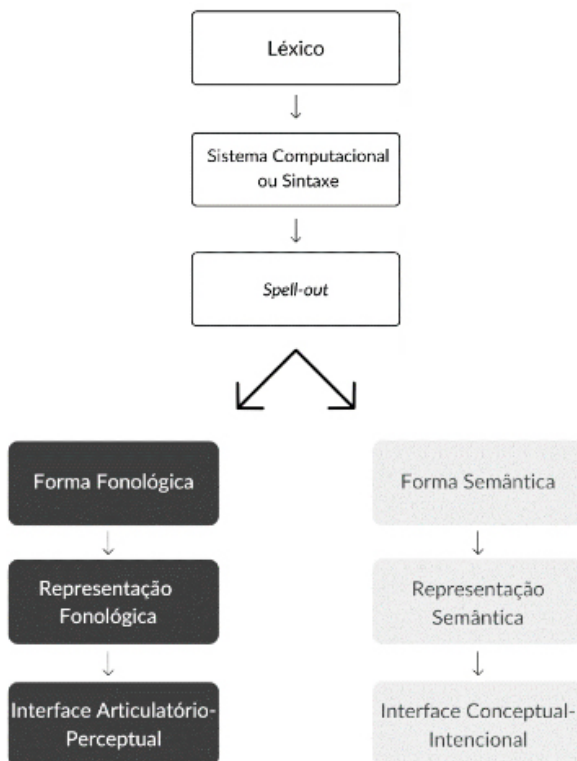
2 Teoria gerativa

Pesquisas sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem à luz do modelo de Princípios & Parâmetros assumem a existência de uma faculdade da linguagem inconsciente e inata, também conhecida como

¹ Leôncio e Miranda, no prelo.

Gramática Universal (de agora em diante, GU). A Teoria Gerativa, no modelo do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 1998, 1999, 2001), considera a linguagem um sistema perfeito com um *design* ótimo. Assim sendo, as gramáticas das línguas naturais criariam estruturas a serem enviadas às interfaces, de acordo com a figura 1.

Figura 1 – Esquema da arquitetura de linguagem segundo o Modelo Minimalista



Fonte: elaborada pelos autores.

De acordo com Hermont e Morato (2014, p. 215),

As palavras estariam em um componente chamado léxico (com traços fonológicos, semânticos e formais) e seriam selecionadas para formar as sentenças. Essa seleção recebe o nome *select* e forma uma numeração. A numeração seria o conjunto de itens

lexicais selecionados. A proposta é que, na maioria das vezes, os itens já viriam da numeração com traços definidos, como traços de gênero, de número, de categoria, de caso etc. Após a seleção de palavras no léxico, ocorreria, no sistema computacional, a formação das sentenças. Para que a sentença formada no sistema computacional seja expressa e compreendida, uma operação chamada *spell-out* entraria em ação. É ela que permitiria a divisão da estrutura sintática para as interfaces articulatório-perceptual e conceptual-intencional.

A sentença formada passaria, então, pela forma fonológica, ganhando representação para ser enviada à interface articulatório-perceptual e haveria articulação dos sons da fala. Também há a forma semântica, diretamente ligada ao mundo das intenções e significados. Seria a parte em que a mente compreenderia a sentença e daria *input* para interface conceptual-intencional (HERMONT; MORATO, 2014, p. 215).

Também ancorados em Hermont e Morato, (2014, p. 215-216), passemos, agora, a explicitar sobre as categorias funcionais.

No modelo da Teoria Padrão (CHOMSKY, 1965) e da Teoria Padrão Estendida (CHOMSKY, 1972), considerava-se que a estrutura de uma sentença simples seria constituída por um SN e um SV, ambos ligados a um nó, denominado S. A formalização seria a seguinte: $S \rightarrow SN SV$. Mas, a fim de acomodar dados em que havia a presença de um verbo auxiliar, a proposta para a descrição da sentença passou a ser a seguinte: $S \rightarrow SN Aux SV$. Em Aux, haveria informação de tempo e de concordância.

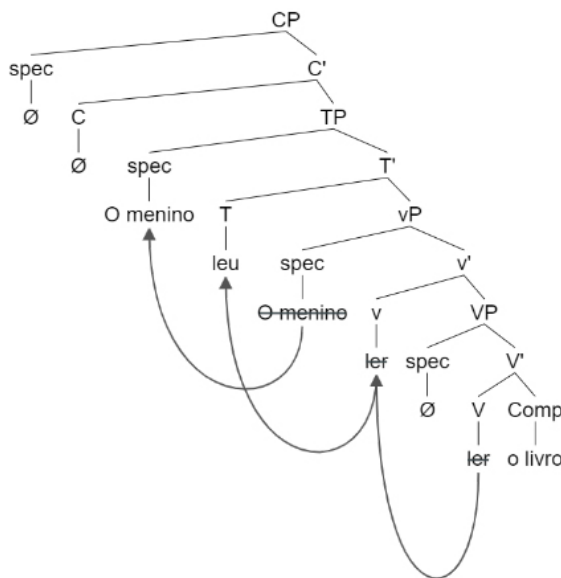
Joseph Emonds (1976) propôs a denominação de INFL para Aux e indicou uma marcação binária para o nó, tal como se faz com as categorias lexicais. Então, uma sentença finita teria INFL [+T, +AGR], e uma sentença no infinitivo teria INFL [-T, -AGR]. A regra sintagmática passou a ser $S \rightarrow SN INFL SV$ e era válida para todos os tipos de sentenças.

Com o advento da Teoria da Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981), a proposta era de que INFL fosse o núcleo da sentença. Sendo assim, teríamos $IP_3 \rightarrow I SV$, em que a ideia geral seria a de que tanto verbos auxiliares (como *should*, *can*, etc.) finitos quanto o *to*, característico de formas não finitas em inglês, ocupassem o núcleo de IP. Além disso, o SN sujeito ocuparia a posição de especificador de I.

Pollock (1989), após realização de um estudo de comparação de movimento de verbo (em relação a advérbios, quantificadores e partículas de negação) nas formas finitas e não finitas em inglês e em francês, propôs que deveria haver um nó de Concordância (AGR) e um de Tempo (convencionado I – de *Inflection*) (HERMONT; MORATO, 2014, p. 215 -16).

Em 1995, Chomsky sinaliza que AGR já não seria mais um nóculo constituindo um sintagma, pois, diferentemente de T², AGR não teria interpretabilidade semântica na Forma Semântica e, portanto, há sugestões de que tal categoria não deveria ser o núcleo de uma projeção. Resumindo, o que era INFLP passou a ser IP e, depois, a TP, onde Tempo é marcado. Em TP, haveria também os traços φ, isto é, pessoa, número e gênero do DP³ sujeito; além disso, no especificador de TP, há um traço de EPP, que atrai o DP sujeito. Na figura 2, apresentamos um exemplo da representação de uma dada sentença.

Figura 2 – Representação arbórea



Fonte: elaborada pelos autores via jsSyntaxTree.

Em Hermont (2005) e Hermont e Morato (2014), a ideia é que a camada flexional seja dividida em Tempo e Aspecto. Outros trabalhos, como de Cinque (1999), sustentam que a camada flexional seja cindida

² AGR, neste trabalho, advém de *Agreement*, que significa “concordância”. T, por sua vez, advém de *Tense*, em português, tempo.

³ DP-sujeito é a sigla de sintagma determinante, uma terminologia usada atualmente para designar o que é comumente chamado, em linguística geral, SN sujeito.

em várias categorias, tais como modalidade, modo, tempo e aspecto. Neste artigo, vamos nos deter nas duas categorias – tempo e aspecto, sobre as quais trataremos a seguir.

3 As categorias tempo e aspecto

As categorias de tempo e de aspecto são cognitivamente muito próximas. Segundo Comrie (1976), tempo é uma categoria dêitica, pois relaciona um determinado fato a um ponto no tempo. Aspecto, por sua vez, “são diferentes maneiras de ver a constituição interna de uma situação” (COMRIE, 1976, p. 3). Ainda segundo o autor, tempo verbal só existe se contrastado a três momentos de fala distintos: passado, presente e futuro. Esses três tempos verbais descrevem o momento anterior, o simultâneo e o posterior. Para Travaglia (2006)⁴, tempo pode ser dividido de três maneiras.

Tempo 1: categoria verbal (corresponde às épocas passado, presente e futuro) (...). Tempo 2: flexão temporal. Estaremos nos referindo então aos agrupamentos de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do subjuntivo, etc. Falaremos então em **tempos flexionais** (grifo do autor); Tempo 3: a ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase (...) (TRAVAGLIA, 2006, p. 38).

O texto de Vendler (1957) é clássico na discussão sobre aspecto. O autor propõe uma classificação de tipos de verbos, que poderiam ser divididos em verbos de estado, de atividade, *accomplishments* e *achievements*. A proposta de Vendler é a de que o uso dos verbos pode sugerir diferentes esquemas de tempo e, para explicitar a ideia do autor, usaremos exemplos nossos. Verbos como *escrever* e *construir uma casa* seriam caracterizados como processos que decorrem no tempo. A diferença é que, no último exemplo, há um processo que se encaminha para um ponto final determinado, que é o da casa construída, e *escrever* seria um processo cujo término é indefinido. Verbos como *escrever* foram

⁴ Ainda que os dois autores fujam do escopo da teoria gerativa, quadro eleito para este trabalho, apresentamos Comrie (1976) por ser um texto clássico internacionalmente e Travaglia (2006) por ser uma obra com ampla explicitação da categoria aspectual em língua portuguesa do Brasil.

classificados como atividades, e verbos que constam em expressões como *construir uma casa* foram classificados como *accomplishments*. Aos verbos de atividade e *accomplishments*, Vendler contrapôs verbos como *perceber* e *amar*, que não envolvem sucessão de fases ao longo do tempo. Enquanto *perceber* pode ser caracterizado como um instante de tempo único e definido, *amar* pode ser concebido como um período de tempo indefinido. Para verbos do tipo *perceber*, Vendler classificou como *achievements*; para os do tipo *amar*, verbos de estado.

Alguns autores incrementaram as noções de Vendler (1957), apresentando-as em termos de traços distintivos, como Smith (1997), que trabalha com os traços [estático], [durativo] e [télico]. O traço [estático] diz respeito à ausência de mudança de estado e, desta forma, se isola das demais classificações. O traço [durativo] estaria ligado à quantidade de tempo que cada eventualidade gasta. Esse traço separa a classe dos *achievements* das demais. Já o traço [télico] agruparia *accomplishments* e *achievements*, de um lado, e estados e atividades, de outro. Uma eventualidade télica diz respeito ao encaminhamento para um ponto final, ao passo que os eventos atélicos teriam ponto final arbitrário.

Comrie (1976) também apresenta uma classificação de oposições aspectuais, em que assinala que perfectividade indicaria a perspectiva de uma situação como um todo único, sem distinção das várias fases separadas que fazem aquela situação. Já o imperfectivo estaria relacionado à estrutura interna da situação. O autor (COMRIE, 1976, p. 3) apresenta dois exemplos: “Ele leu” e “Ele estava lendo”. A diferença, nessas duas sentenças, efetivamente, não é de tempo, pois as duas encontram-se no passado. A diferença básica é de aspecto, sendo a primeira sentença marcada pelo aspecto perfectivo e a segunda marcada pelo aspecto imperfectivo. Em língua portuguesa, a noção de (im)perfectividade se dá nos tempos passados de forma clara.

Ancorando-nos em Travaglia (2016, p. 131), que assinala “O presente do indicativo apresenta a situação sempre com aspecto não acabado”, assumimos as formas verbais no pretérito perfeito como perfectivas e as formas verbais no pretérito imperfeito e no presente como imperfectivas.

Dito isso, verificamos que, embora tempo e aspecto sejam categorias muito próximas, conseguimos diferenciá-las. Além disso, por ser a categoria aspecto bastante complexa, uma possível sistematização é conceber que há aspecto semântico/lexical e aspecto gramatical. O aspecto

semântico/ lexical seria inerente aos núcleos verbais, complementos e adjuntos. Dessa forma, os possíveis sentidos atribuídos às raízes verbais seriam responsáveis pela realização do aspecto semântico/ lexical. Olhar para seus complementos e adjuntos (como os advérbios) também seria uma forma de vislumbrar o aspecto semântico/ lexical, que seria caracterizado pelos traços de estatividade, duratividade e telicidade, nos moldes de Smith (1997). Por exemplo, em ‘Construí a casa’, temos uma situação com duração de tempo e telicidade. Já em ‘Caminho pelo bosque’, temos duratividade da atividade, mas não telicidade. Assim, designar a denominação de aspecto semântico/ lexical seria uma forma de vislumbrarmos tal categoria. O aspecto gramatical estaria relacionado, em português, a um conjunto de distinções morfológicas que caracterizariam a circunstância descrita pelo verbo como acabada ou em curso. Carregaria a noção do evento envolvendo distinções semânticas que podem ser interpretadas por meio de verbos auxiliares ou morfemas flexionais e tal noção pode ser separada em perfectivo e imperfectivo.

Isso posto, reiteramos que a nossa pesquisa tem o objetivo maior de compreender como as categorias tempo e aspecto são adquiridas pela criança e, de modo mais específico, entender em que medida as noções de aspecto lexical (semântico) influenciam ou não no surgimento das marcações aspectuais gramaticais. A seguir apresentamos uma abordagem sobre a aquisição de linguagem.

4 Aquisição de linguagem

As crianças, de um modo geral, dos 18 aos 30 meses, demonstram progresso significativo na aquisição de sua língua nativa e é fácil perceber que as crianças fazem isso com muita facilidade. Elas começam a esboçar algumas palavras de caráter lexical e a lista de palavras inicial é bem restrita; em pouco tempo, cerca de um ano e meio, já dominam um vocabulário extenso que é organizado por uma gramática. Esse processo de rápido desenvolvimento dos conhecimentos da língua a que a criança é exposta é evidência de que o ser humano é dotado de um mecanismo inato capaz de guiar a aquisição da linguagem. Nesta perspectiva, as categorias funcionais têm especial destaque, pois parecem ser as responsáveis pela formação da sintaxe, ou seja, são elas que permitem o estabelecimento de inúmeras relações entre estruturas linguísticas que o indivíduo é capaz de produzir.

Assim, à luz do arcabouço da Teoria Gerativa, a aquisição e desenvolvimento da linguagem são interpretados como um processo de fixação de parâmetros a partir do estado inicial da Faculdade da Linguagem. Os parâmetros da GU, segundo Chomsky (1995), estão relacionados não com o sistema computacional, mas, sim, com o léxico. E isso poderia ser interpretado da seguinte forma: cada parâmetro deve referir-se a propriedades de elementos específicos do léxico ou a categorias de itens lexicais. Nesse contexto, existiria apenas uma língua humana e a aquisição da linguagem seria a determinação das idiossincrasias lexicais, ou seja, os elementos substantivos (por exemplo, nomes, verbos etc.) seriam retirados de um vocabulário universal invariante, e só os elementos funcionais seriam parametrizados. Na acepção dos Princípios e Parâmetros, a criança parte de uma base pré-moldada à experiência (que corresponde aos princípios) e vai adequando os dados da língua que está adquirindo a essa base (que seriam os parâmetros).

A partir do trabalho de Borer (1984), a visão de parâmetros é relacionada exclusivamente com as categorias funcionais. A ideia é que, se as línguas naturais variam no que diz respeito à sua morfologia, por conseguinte os elementos responsáveis pela morfologia é que devem estar relacionados aos parâmetros, isto é, os elementos morfológicos, que, em tese, são as categorias funcionais, são aqueles responsáveis pela diferença de fixação de parâmetro. As categorias funcionais, por exemplo, seriam as responsáveis pela fixação, nas línguas naturais distintas, da ordem sujeito-verbo ou posição do verbo em uma sentença. Como as categorias funcionais pertencem a uma classe fechada, constituem um conjunto pequeno de elementos. Por conseguinte, a criança, ao adquirir uma língua, faz escolhas dentro de um conjunto muito pequeno de opções, o que explicaria a rapidez do processo de aquisição da língua, que é uma das preocupações centrais da Teoria Gerativa.

Para Wexler (1996), a criança passa pelo “Estágio do Infinitivo Opcional” ou Estágio OI. Nessa etapa, a criança ora produz, ora omite tempo verbal. Dessa forma, a criança oscilaria no uso de formas finitas e formas não finitas. Em 1998, o autor sofisticou sua explicação, sustentando que crianças, desde muito cedo, já têm os parâmetros básicos e as propriedades gramaticais de sua língua realizados corretamente e defendendo duas hipóteses, conforme nos assinalam Hermont e Morato (2014):

VEPS (*Very Early Parameter-Setting*), que aponta que os parâmetros básicos são realizados corretamente em estágios iniciais, quando a criança tem por volta de 18 meses de idade; e VEKI (*Very Early Knowledge of Inflection*), que sugere que as crianças, a partir de 18 meses, já conhecem propriedades fonológicas e gramaticais de alguns elementos importantes de sua língua (WEXLER, 1998 apud HERMONT; MORATO, 2014, p. 219).

Wexler (1996) adota a explicação já desenvolvida em Schütze e Wexler (1996) para as sentenças em que ora ocorre flexão de tempo e ora ocorre flexão de concordância. O modelo, conhecido como ATOM (Modelo de Omissão de Concordância e Tempo no Estágio OI), é consequência da atuação de uma Restrição de Checagem Única, que vem a ser uma propriedade do Estágio OI (infinitivo opcional) e indicaria que a gramática da criança, em alguns momentos, impede que o DP-sujeito cheque⁵ seus traços mais de uma vez durante a derivação de uma sentença. De acordo com os autores, isso deve ocorrer devido ao fato de a gramática da criança “enxergar”, algumas vezes, o DP-sujeito como tendo traços [-interpretáveis]. Quando tal gramática “enxerga” o DP-sujeito como tendo traços [+interpretáveis], a valoração dupla pode ocorrer e a sentença tem tempo e concordância, tal como a fala do adulto com a gramática intacta.

Wexler (1998) adotou a noção de dois nódulos, tempo e concordância, neste trabalho, o pesquisador analisou os dados sob a ótica da Morfologia Distribuída. As sentenças produzidas pelas crianças com atribuição apropriada de Caso e de Tempo Finito são gramaticais e perfizeram um total de 95%. Seriam sentenças como em *He likes ice-cream*. Assim, na gramática da criança haveria a seguinte representação: [+AGR, +T], em que Concordância e Tempo seriam especificados. Para os 54% de uso da forma verbal no infinitivo com os pronomes *he* e *she* que surgiram na pesquisa, a explicação é que, se há esses pronomes, ainda que faltando o morfema caracterizador de tempo, provavelmente há concordância na gramática da criança porque houve a designação do caso nominativo, isto é, foram produzidos os pronomes *he* e *she*, e não os de caso acusativo, *him* e *her*. Concordância, nesta perspectiva, estaria ligada a caso nominativo. As sentenças produzidas pelas crianças seriam

⁵ O autor usava na época esta terminologia. Depois, passou a se chamar ‘valorar’ (os traços) no lugar de ‘checar’.

parecidas com *He like ice-cream* e a representação mental seria [+AGR, -T], em que teríamos, como especificação de Tempo [+passado], em que o morfema é *-ed*, competindo com [-passado], representado pelo morfema \emptyset . Se Tempo estivesse especificado para passado, o morfema *-ed* seria inserido, porque tem mais especificações que o morfema de Tempo presente. Se Tempo estivesse marcado para presente, o morfema de presente \emptyset seria inserido. Como na sentença há concordância, teríamos que ter a marca *-s*. Como não há o morfema de concordância – (morfema de concordância que só ocorre no presente), temos fortes sugestões de que não há marcação de tempo presente na sentença, ou seja, a especificação, neste exemplo, seria [+AGR, -T]. No que diz respeito às sentenças em que houve 46% de uso de verbos na forma infinita com os pronomes *him* e *her*, as sentenças teriam uma estrutura parecida com a de *Him like ice-cream*, e a representação mental seria [-AGR, -T]. A explicação para o não surgimento de morfema relativo a tempo é a mesma feita para a última situação explicitada. Já o caso de 5% de produção de formas verbais flexionadas e sujeitos com caso acusativo, por parte de crianças no período OI, a explicação está relacionada à falta de concordância, pois essa categoria é que atribuiria caso nominativo.

Mas a proposta de ATOM, por si só, não consegue explicar o motivo de ora haver só Tempo e ora só AGR na gramática das crianças. Wexler (1998) sugere, então, que deve haver uma restrição no momento de checagem do DP sujeito na gramática da criança. Para explicar como se dá essa restrição, ancoremo-nos na leitura de Wexler (1998) feita por Hermont e Morato (2014). Wexler adota as propostas de Chomsky (1995) e assume que os DPs-sujeito, que têm um traço [+interpretável⁶], passariam a movimentar-se a fim de checar o traço D [-interpretável] em Tempo. Wexler (1998), admitindo a presença da projeção de AGR, assume que tanto T quanto AGR têm um traço D [-interpretável]. Se tanto AGR quanto T têm um traço D [-interpretável], um traço D [+interpretável] deve deslocar-se para checar aqueles [-interpretáveis]. De acordo com o

⁶ Faz-se importante explicitar a diferença entre traços interpretáveis e traços não interpretáveis. Os primeiros têm importância na computação de representações semânticas e não devem ser apagados (e nem o podem) do sistema. Já os traços não interpretáveis, ou seja, que não têm interpretabilidade semântica e que devem estar circunscritos ao componente computacional, como, AGR (na acepção de Chomsky, 1995), devem ser eliminados do sistema, a fim de que a estrutura possa convergir.

pesquisador, dentro do SV há um DP sujeito com traços [+interpretáveis]. Portanto, esse DP sujeito é que deve mover-se para apagar os traços nas categorias funcionais, que têm traços [-interpretáveis], os quais devem ser apagados a fim de que a derivação não fracasse. Na gramática do adulto, o DP sujeito então vai para o especificador de Tempo e checa o traço D [-interpretável], em seguida faria o mesmo no especificador de AGR e checa o traço D [-interpretável]. O que parece ser complicado para a criança em processo de aquisição da linguagem, segundo Wexler (1998), é o fato de serem necessárias duas checagens. Desse modo, o autor coloca que haverá duas representações para a criança, cuja gramática revelará que ou AGR ou T terá os traços [-interpretáveis] checados, gerando a omissão de morfema de uma ou outra categoria na fala da criança.

A ideia de Wexler (1998) será usada para explicar os dados obtidos em nossa pesquisa, usando a noção de aspecto gramatical no lugar de concordância. O raciocínio é o seguinte: concordância, sendo caracterizada como [-interpretável] na interface semântica, não haveria necessidade de resguardar-se um nódulo específico para tal categoria. Entretanto, existem noções da estrutura cognitiva imanentes aos verbos das línguas naturais que são bastante relevantes, tais como tempo e aspecto. Como essas duas noções são fenômenos intrincados, mas distintos na interface semântica, pode-se pensar que, no lugar de concordância, podemos ter um nódulo de aspecto. Assim sendo, passaremos a trazer dados de pesquisas que investigaram a aquisição da categoria aspectual.

4.1 Abordagens que tratam da aquisição de aspecto verbal

Alguns trabalhos que visaram a descrever e a analisar a aquisição de aspecto verbal foram realizados na década de 70 e 80 e tiveram o objetivo de validar a hipótese estabelecida por Jakobson (1971), que propôs que aspecto verbal é adquirido antes de tempo verbal. Para o entendimento das propostas a serem apresentadas, é interessante que se tenham em mente as duas formas de conceber aspecto já delineadas neste trabalho: o aspecto semântico/lexical e o aspecto gramatical. Passemos agora à explicitação dos trabalhos de Bronckart e Sinclair (1973) e Bloom, Lifter e Hafitz (1980), para os quais a emergência de flexões verbais na fala das crianças seria uma influência da semântica verbal e não exatamente da aquisição da morfologia de tempo.

Bronckart e Sinclair (1973) realizaram um estudo para verificar a relação semântica dos verbos e o surgimento de flexões verbais no processo de aquisição do francês por parte de crianças de dois a oito anos. Os pesquisadores observaram que, até os seis anos, as crianças tendiam a usar, nos experimentos, o passado composto para ações cujo resultado era muito claro. Já para as ações que não tinham a ideia de fim, tais crianças produziam formas verbais com morfemas de imperfectividade, ou seja, os resultados dos experimentos desenvolvidos, de acordo com os autores, sugeriam que as crianças usavam flexões verbais para indicar diferenças aspectuais, e não temporais.

Resultados semelhantes foram obtidos por Bloom, Lifter e Hafitz (1980) em língua inglesa. Esses pesquisadores verificaram que verbos como ‘brincar’ e ‘escrever’, caracterizados pelo traço de duratividade, surgiam, na fala das crianças, de forma recorrente, com o morfema -ing. Já verbos como ‘encontrar’, ‘cair’ e ‘quebrar’, marcados claramente pela não duratividade, ocorriam na fala infantil com o morfema -ed. Para os autores, o uso seletivo de diferentes morfemas era determinado pelo aspecto inerente de cada verbo.

Em Hermont e Morato (2014), buscou-se compreender como as categorias Tempo e Aspecto estão representadas na gramática de crianças em fase de aquisição de linguagem e na gramática de pessoas com Déficit Específico de Linguagem (DEL). A pesquisa desenvolvida dentro do arcabouço teórico da teoria gerativa propôs uma dissociação do sintagma de flexão em um sintagma de tempo e sintagma de aspecto e sugeriu influência do aspecto semântico sobre o aspecto gramatical. Foram comparadas estruturas verbais produzidas por uma criança em fase normal de aquisição de linguagem e por uma pessoa com DEL. Neste trabalho, também se expressou que o sistema computacional, a sintaxe de uma língua, deve ser sensível às características aspectuais do SV, considerando, portanto, a natureza aspectual lexical/ semântica dos verbos.

Castro e Hermont (2017) examinaram a relação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical na fala de uma criança em fase de aquisição da linguagem, tendo por base a classificação aspectual proposta por Vendler (1957). As autoras verificaram que as formas verbais produzidas pela criança investigada na pesquisa sugerem uma associação do aspecto lexical/ semântico com traço [-durativo], evidenciada em verbos caracterizados por serem *achievement*, e aspecto gramatical perfectivo. Além disso, Castro e Hermont (2017) constataram uma relação entre

o aspecto semântico/ lexical com traço [+durativo] – encontrado em verbos de estado, atividade e *accomplishment* – e o aspecto gramatical imperfectivo, o que indica que o aspecto semântico/ lexical pode influenciar o surgimento do aspecto gramatical.

Vale dizer que Castro e Hermont (2017) ancoraram-se na Hipótese da Primazia do Aspecto e na Generalização de Li-Shirai. Segundo Andersen (1989) e Shirai e Andersen (1996), entre outros, a Primazia do Aspecto seria um fenômeno que limitaria o marcador morfológico de tempo/ aspecto a uma determinada classe de verbos de acordo com seu aspecto inerente, o que quer dizer que as flexões verbais utilizadas pelas crianças em processo inicial de aquisição da linguagem denotariam, na verdade, a noção de aspecto lexical. Assim, aspecto semântico/ lexical comandaria o uso da flexão verbal.

O que é importante apontar sobre todos os trabalhos apresentados que versam sobre a aquisição da categoria aspectual é que consideram que a noção de aspecto, no início da aquisição da linguagem, é que guia a expressão temporal. Assim, a criança, na verdade, ao produzir um verbo com morfema temporal, estaria realizando a noção aspectual. E isso se daria por uma relação muito próxima do que denominamos aspecto semântico/ lexical e aspecto gramatical. No caso da língua portuguesa, a detecção de qual categoria, de fato, está sendo produzida é mais difícil de ser feita quando a forma verbal é simples. Isso porque a desinência que expressa modo e tempo é a mesma que denota aspecto. Um exemplo: em ‘am-á-va-mos’, em -va-, temos as três noções expressas. Para expressar aspecto gramatical, deve-se ‘produzir’ o -va-, que é a mesma categoria que expressa a noção temporal (e modo). Quando se observam as formas perifrásticas, temos, com clareza, a realização do tempo, que se dá no auxiliar, aliada ao verbo principal que ocorre no infinitivo, gerúndio ou particípio. Para essas duas últimas formas, temos a noção de imperfectividade e perfectividade, respectivamente.

Finalizando esta seção, podemos assinalar que os resultados de Bronckart e Sinclair (1973), de Bloom, Lifter e Hafitz (1980), de Hermont e Morato (2014), de Castro e Hermont (2017), cada um com objetivos específicos, são consistentes com a hipótese de aquisição de aspecto antes do tempo por parte das crianças em fase de aquisição de linguagem, em que aspecto semântico/ lexical pode influenciar o surgimento do aspecto gramatical.

Com base neste arcabouço teórico, reafirmamos que o objetivo principal deste trabalho é entender como as categorias – tempo e aspecto – estão representadas nas gramáticas de crianças em processo de aquisição de linguagem. Para tal, apresentamos a seguir a metodologia adotada para este trabalho.

5 Metodologia

Uma pesquisa realizada no arcabouço da Teoria Gerativa pressupõe, conforme já assinalado, a existência de princípios universais sobre a gramática mental, sendo que esses podem ser observados nas produções orais e compreensões linguísticas de cada indivíduo. Esta pesquisa detém-se na análise de dados advindos de produções de linguagem por parte de crianças em idade de aquisição típica de linguagem.

Assim, pode-se também dizer que os pesquisadores dessa área partem da análise do desempenho linguístico para compreender a competência dos falantes e, nesta perspectiva, utilizam o método dedutivo. Faremos uso desse método para a análise do surgimento de morfemas relacionados às categorias de tempo e de aspecto na fala das crianças. O método dedutivo tem como ponto de partida um problema, isto é, de um conjunto de fatos para o qual não se tem uma explicação aceitável ou uma explicação que ainda não foi consolidada. Algumas hipóteses são apresentadas como possíveis explicações ou soluções provisórias para o problema formulado. As hipóteses inicialmente criadas servem de impulso para o pesquisador buscar fatos complementares, o que faz com que apareçam novas hipóteses. Dentre as hipóteses enumeradas, o pesquisador optará por aquela que lhe parecer a mais provável submetendo-a a testes e experiências, no caso. Para este trabalho, estabelecemos as seguintes hipóteses, aqui repetidas: (i) na gramática infantil, a noção de aspecto surge, de forma mais recorrente, antes da noção de tempo; (ii) quando as formas verbais no presente e no pretérito perfeito surgem, o que está expresso é o aspecto.

Para a realização da pesquisa, realizamos um estudo transversal, a fim de refletir acerca de dados coletados de uma amostra em um determinado período de tempo e examinar a relação entre as ocorrências verbais, usando nossas lentes nas realizações das categorias de tempo e de aspecto. Uma das características mais importante do estudo transversal é que se torna possível comparar diferentes amostras de diferentes períodos de tempo.

Nesta perspectiva, passemos a apresentar a amostra do nosso trabalho. O *corpus* é constituído por gravações espontâneas de cinco crianças em fase de aquisição de linguagem, com idades variando entre dois e cinco anos. Tais gravações foram catalogadas, como já anunciado neste artigo, por Ana Lúcia Barros Leôncio (LEÔNCIO, 2018, p. 114) e Washington Gomes de Miranda (MIRANDA, 2018, p. 136), membros do grupo eLinC. A pesquisa aqui apresentada analisou os dados já transcritos. Durante a gravação, os pais estavam presentes e interagindo com as crianças. As pesquisas foram submetidas e aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Utilizamos todas as gravações realizadas para cada criança, configurando o seguinte quadro:

Quadro 1 – Faixa etária das crianças

CRIANÇA	IDADE
A	2 anos
B	2 anos e 1 mês
B	2 anos e 2 meses
B	2 anos e 3 meses
C	3 anos e 1 mês
C	3 anos e 2 meses
D	3 anos e 11 meses
D	4 anos e 2 meses
E	5 anos e 5 meses
E	5 anos e 11 meses

Fonte: elaborado pelos autores.

Para a criança A, temos somente uma gravação, quando ela tinha dois anos. Para a criança B, usamos três gravações, com diferença de um mês: dois anos e um mês, dois anos e dois meses e dois anos e três meses. Em relação à criança C, tínhamos duas gravações. Nas ocasiões, a criança tinha três anos e um mês e três anos e dois meses. Já para a criança D, conseguimos duas gravações em que a criança tinha três anos e onze meses e outra, em que a criança tinha quatro anos e dois meses. Por fim, para a criança E, obtivemos duas gravações em que a criança tinha cinco anos e cinco meses e cinco anos e onze meses.

A realização desta pesquisa contou com três momentos de investigação. No primeiro, observamos, em cada sentença produzida

pelas crianças, quais foram os tempos manifestados nas formas verbais: seja na forma simples, seja nas perífrases verbais, isto é, verificamos se o tempo estava no passado, no presente ou no futuro. No segundo momento, buscamos a identificação do aspecto semântico/ lexical detendo-nos especialmente no traço de telicidade e, em seguida, verificamos o surgimento de formas imperfectivas e perfectivas no repertório dessas crianças. Deve-se salientar que são consideradas imperfectivas as formas que estão no presente e no pretérito imperfeito. São designadas como perfectivas as formas no pretérito perfeito. Ao depararmos com formas perifrásticas, verificamos se o verbo principal estava na forma participial ou no gerúndio, os quais revelam, de um modo geral, a forma aspectual. Observamos também o tempo gramatical expresso no auxiliar. No terceiro momento, contabilizamos as produções das formas verbais relacionando-as às idades das crianças. Em seguida, procedeu-se à análise dos dados observados, os quais passam a ser descritos na seção posterior.

6 Descrição e análise de dados

Lembremo-nos dos objetivos traçados para este trabalho: entender como as categorias tempo e aspecto estão representadas nas gramáticas de crianças em processo de aquisição de linguagem a partir da análise de estruturas efetivamente produzidas por cinco crianças no processo de aquisição de linguagem, além de compreender em que medida as noções de aspecto semântico/ lexical influenciam ou não no surgimento das marcações aspectuais gramaticais. Após a coleta de dados, constatamos o seguinte (quadro 2):

Quadro 2 – Dados da Pesquisa

Criança	Idade	Aspecto Imperfectivo				Aspecto Perfectivo	Total de produções
		Presente	Gerúndio	Perífrase Verbal	Pretérito Imperfeito	Pretérito perfeito	
A	2 anos	-	-	1 (1C)	-	1	2
B	2 anos e 1 mês	-	-	-	-	1	
B	2 anos e 2 meses	9	-	4 (1C)	-	14	
B	2 anos e 3 meses	6	1	-	-	9	44
C	3 anos e 1 mês	7	-	-	-	1	
C	3 anos e 2 meses	10	-	1	1	3	23
D	3 anos e 2 meses	5	-	5 (5C)	-	-	
D	3 anos e 2 meses	127	2	29 (3C)	9	36	213
E	5 anos e 5 meses	14	1	26 (1C)	5	17	
E	5 anos e 11 meses	66	2	30 (8C) ^{<-?>}	5	11	177

Fonte: elaborado pelos autores.

Observando o quadro anterior, assinalamos que cada número corresponde ao total de formas verbais caracterizadas por determinado tempo e aspecto, sendo que (C) diz respeito a verbos controle presentes em perífrases verbais. Após a análise do quadro, verificamos que as crianças de dois a três anos produzem menos formas verbais que as crianças com mais de quatro anos. Constatamos também que as formas verbais no presente e no pretérito perfeito são mais frequentes na fala da criança nas primeiras fases da vida (dois a três anos) e, próximo aos quatro anos, surgem, de forma recorrente, as perífrases verbais (constituídas de auxiliar e os verbos principais) e as formas verbais no pretérito imperfeito.

Ancorando-nos na literatura apresentada neste artigo, podemos afirmar que as formas verbais que surgem inicialmente na produção linguística das crianças denotam aspecto e, não, tempo verbal. Para explicar isso, estabelecemos uma relação com o estudo de Wexler (1998) e os nossos dados e verificamos uma semelhança. O sistema de flexão proposto pelo autor é constituído por Tempo e Concordância e, para ele, ora há morfemas expressando traços de tempo, ora de concordância. Amparando-nos na assunção de que concordância não é mais considerada uma projeção dentro da arquitetura de linguagem do modelo minimalista atual, podemos substituir o raciocínio com a adoção de um nóculo aspectual e, assim sendo, declaramos que, na gramática infantil, ora parece haver a valoração dos traços de tempo (com menor recorrência), ora parece haver a valoração dos traços de aspecto (em maior quantidade). Como a maior ou menor recorrência pode ser explicada?

A ideia é que o tempo está presente, com mais clareza, nas formas perifrásticas, que ocorrem de forma mais produtiva dos quatro anos em diante, tais como em:

- (1) eu **tô pedindo** a minha mãe pra abri porque:: (Criança D – 4 anos e 2 meses)
- (2) Cê **tá colorindu** di duas coris aqui vovô. (Criança E – 5 anos e 11 meses)
- (3) **Tô imitando**. (Criança E – 5 anos 11 meses)

Os auxiliares “tô” (estou), “tá” (está) e “tô” expressam tempo e ‘pedindo’, ‘colorindo’ e ‘imitando’, todos na forma de gerúndio, expressam o aspecto. A noção aspectual veiculada pelo auxiliar não será discutida aqui, pois o objetivo, neste momento, é demonstrar que tempo é veiculado no auxiliar nas perífrases verbais e tais estruturas ocorrem mais tarde no processo de desenvolvimento da linguagem. O que se deve salientar aqui é que o auxiliar manifesta a noção temporal nas perífrases verbais e elas são largamente encontradas de forma produtiva na produção linguística das crianças estudadas após os quatro anos de idade.

Mas em relação às formas verbais simples, que ocorrem desde muito cedo, como saber se temos as duas noções – aspecto e tempo – manifestadas? Essa pergunta se justifica porque o morfema que designa tempo também codifica os traços aspectuais. Vejamos o quadro 3.

Quadro 3 – Inspirado no sistema flexional do português, segundo Câmara Jr. (1970)

Classificação	Forma verbal	Radical + vogal temática	Desinência de modo, tempo e aspecto	Desinência de número e pessoa
3ª pessoa sing. Presente do Indicativo	(ele) Canta	Canta-	- Ø -	- Ø
3ª pessoa plural Presente do Indicativo	(eles) Cantam	Canta-	- Ø -	- m
3ª pessoa sing. Pretérito Imperfeito do Indicativo	(ele) Cantava	Canta-	- va -	- Ø
3ª pessoa plural Pretérito Imperfeito do Indicativo	(eles) Cantavam	Canta-	- va -	- m
3ª pessoa sing. Pretérito Perfeito do Indicativo	(ele) Cantou	Canto-	- Ø -	- u
3ª pessoa plural Pretérito Perfeito do Indicativo	(eles) Cantaram	Canta-	- ra -	- m

Fonte: elaborado pelos autores.

O morfema de tempo em formas simples acumula noção de modo, mas também acumula a noção de aspecto, seja de perfectividade ou de imperfectividade. Portanto, a ideia é que, quando a criança produz formas verbais simples, ela está expressando ora noção temporal, ora noção aspectual. Associando as primeiras formas verbais simples àquelas perifrásticas, em que, claramente, há tempo marcado no auxiliar, a sugestão é que majoritariamente há mais denotação de aspecto nas formas simples no início do processo de aquisição da linguagem.

Esse raciocínio pode ser realizado nos moldes de Wexler (1998). Assim sendo, poderíamos adotar a proposta de Restrição de Checagem Única feita por Wexler (1998), para explicar os dados relativos a Tempo e a Aspecto presentes ou ausentes na fala das crianças pesquisadas, argumentando que há a possibilidade de tais crianças terem as seguintes representações na gramática mental a serem escolhidas para valoração de traços: ora ocorreria a valoração dos traços de aspecto, ora ocorreria a valoração de traços de tempo.

De forma interessante, quando se observa o grande surgimento de formas perifrásticas (auxiliar e verbo principal), verifica-se que ocorrem, ainda que em baixo número, as primeiras formas verbais simples no

pretérito imperfeito. Ora, se nesta fase da aquisição da linguagem a criança já produz o auxiliar com o tempo demarcado claramente em auxiliares nas formas perifrásticas, a ideia é que, ao produzir as formas verbais no pretérito imperfeito, já ocorreria, na gramática mental da criança, a valoração tanto de traços de aspecto, quanto de tempo, tal como ocorre na gramática mental de um adulto.

Realizando um cruzamento das noções de aspecto semântico/lexical com as noções de aspecto gramatical das formas verbais produzidas pelas crianças A, B e C, que são as mais novas, verificamos que há uma forte relação entre as informações aspectuais semântico/lexical e gramaticais, conforme se pode averiguar no quadro 4.

Quadro 4 – Cruzamento das noções de aspecto semântico/lexical e aspecto gramatical

Criança A – 2 produções	Criança B – 42 produções	Criança C – 23 produções
Atélico + Imperfeito: 1 Télico + Perfectivo: 1	Atélico + Imperfeito: 18 Atélico + Perfectivo: 2 Télico + Perfectivo: 22	Atélico + Imperfeito: 14 Atélico + Perfectivo: 2 Télico + Imperfeito: 5 Télico + Perfectivo: 2

Fonte: elaborado pelos autores.

Observando o quadro anterior, podemos ter uma ideia clara da influência do traço de telicidade determinando o surgimento do morfema perfectivo (por exemplo, “Isso qui comi mimi boi mom” (Criança A), “papai igô” (Criança B),) e do traço de atelicidade desencadeando a emergência de morfemas relacionados à imperfectividade (por exemplo, “Quelia amarrá” (Criança A), “Eu tinhu medu di altura quanu eu *tava nadanu* isso é baxu” (Criança C)). Para as crianças A e B, o resultado é bastante coerente como é previsto neste trabalho. Para a criança C, ainda que os verbos caracterizados pela telicidade (e que surgiram em número muito pequeno) não tenham ocorrido, na maior das vezes, sob a forma perfectiva ((Ela) *casca* e Ela *brinca*, ambos os verbos marcados pela telicidade sob a forma imperfectiva), podemos verificar que quase todos os verbos marcados pela atelicidade, ocorreram na forma imperfectiva. Esses resultados, portanto, de um modo geral, parecem ir ao encontro do que preconiza a Hipótese da primazia do Aspecto proposta por Andersen & Shirai (1996) e Castro & Hermont (2017).

7 Considerações finais

Este trabalho delineou dois principais objetivos: verificar a aquisição de formas verbais relacionadas a tempo e a aspecto e entender em que medida as noções de aspecto semântico/ lexical influenciam ou não no surgimento das marcações aspectuais gramaticais no processo de desenvolvimento da linguagem.

As duas hipóteses estabelecidas foram confirmadas. Pelo raciocínio desenhado e ancorando-nos em uma literatura que trata do tema, parece que aspecto é adquirido antes de tempo na gramática infantil. Além disso, observando os dados obtidos na pesquisa, as únicas formas verbais nas fases iniciais do desenvolvimento da linguagem são o presente e o pretérito perfeito, caracterizados pelos traços da imperfectividade e da perfectividade, respectivamente.

Ainda que estejamos evidenciando que aspecto parece surgir antes de tempo na linguagem infantil, esta última categoria parece também já estar disponível para a criança desde os dois anos em consonância com os pressupostos de Wexler (1996, 1998), VEPS, (*Very Early Parameter-Setting*), confirmando que os parâmetros básicos são realizados de forma adequada pela criança em estágios iniciais, e VEKI (*Very Early Knowledge of Inflection*), que assevera que as crianças de um ano e meio já conhecem propriedades fonológicas e gramaticais de alguns elementos importantes de sua língua. Tanto é que surgiram formas como “tô siguino”, por parte da criança B aos dois anos e dois meses, e “Eu tinhu medo di altura quanu eu tava nadanu”, por parte da criança C com três anos e dois meses, ou seja, a categoria temporal expressa no auxiliar está presente desde a mais tenra idade, embora de forma escassa.

Ao lado dos resultados obtidos, podemos ainda verificar algo bastante interessante e que enseja futuras investigações, pois, no processo da aquisição da linguagem, a forma verbal no pretérito imperfeito surge mais tarde que a forma verbal no presente e no pretérito perfeito. Essa forma apresenta, tal como as outras duas, um morfema que acumula várias categorias. A única diferença é que tal morfema é foneticamente exposto. Além disso, o surgimento da forma verbal no pretérito imperfeito se dá na mesma ocasião em que aparecem as perífrases verbais, expressões essas que, claramente, denotam tempo.

Declaração de autoria

Arabie Bezri Hermont realizou a orientação da pesquisa, averiguação da análise dos dados e a redação do texto. Kelly Cesário de Oliveira realizou a pesquisa e a redação do texto. Lucas Segantini Brito realizou a pesquisa e a redação do texto.

Referências

ANDERSEN, R. W. The acquisition of verbal morphology. Los Angeles University of California. Published in Spanish as 'La adquisición de la morfología verbal'. *Linguística*, Los Angeles, v.1, p. 89-141, 1989.

ANDERSEN, R. W.; SHIRAI, Y. Primacy of Aspect in First and Second Language Acquisition: The pidgin/creole connection. In: RITCHIE, W.; BHATIA, T. (eds.). *Handbook of second language acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996. p. 527-570.

BLOOM, L.; LIFTER, K.; HAFITZ, J. Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language. *Language*, Washington, DC, v. 56, n. 2, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.1980.0001>

BORER, H. *Parametric syntax*. Dordrecht: Foris Publications, 1984.

BRONCKART, J.; SINCLAIR, H. Time, Tense and Aspect. *Cognition*, Genebra, n. 2, p. 107-130, 1973. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(72\)90032-7](https://doi.org/10.1016/0010-0277(72)90032-7)

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CASTRO, G. G.; HERMONT, A. B. A relação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical em contexto de aquisição da linguagem. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 7, n. 14, p. 405–420, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/15620>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CHOMSKY, N. *Aspects of theory of syntax*, Cambridge: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Beyond explanatory adequacy*, Ms. Cambridge: MIT, 2001 (não publicado).

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A life in language*. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 1-52.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its nature, origin, and use*. Cambridge: MIT Press, 1986.

CHOMSKY, N. *Language and mind*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CHOMSKY, N. *Minimalism Inquiries: the framework*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistics perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

EMONDS, J. *A transformation approach to syntax*. New York: Academic Press, 1976.

HERMONT, A. B. *Aquisição de tempo e aspecto no déficit especificamente linguístico*. 2005. 284 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

HERMONT, A. B.; MORATO, R. A. Aquisição de tempo e aspecto em condições normais e no déficit específico de linguagem. *Revista Lingüística*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 213-233, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2014.v10n1a4588>

JAKOBSON, R. Shifters, verbal categories, and the Russian verb. In: JAKOBSON, R. *Selected writings*. Vol. II. Mouton: The Hague, 1971. p.130-147.

LEÔNCIO, A. L. B. *O objeto nulo na aquisição da linguagem*. 2018. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.

LEÔNCIO, W.; MIRANDA, A.L. *Corpus de produção de linguagem infantil*, no prelo.

MIRANDA, W. G. de. *Advérbios de tempo e aspecto no processo de aquisição da linguagem*. 2018. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.

POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n.3, p. 365-425, 1989.

SCHÜTZE, C.; WEXLER, K. Subject case licensing and English root infinitives. In: STRINGFELLOW, A.; CAHANA-AMITAY, D.; HUGHES, E.; ZUKOWSKI, A. (eds.). *Proceedings of the 20th Boston University Conference on Language Development*. Somerville: Cascadilla Press, 1996. p. 670-681.

SMITH, C. S. *The Parameter of Aspect*. 2. ed. Dordrecht: Springer, 1997.

SOLÀ, J. Morphology and word order in germanic languages. In: ABRAHAM, W.; EPSTEIN, S.; THRAINSSON, H.; ZWART, J-W. (eds.). *Minimal Ideas: syntactic studies in the minimalist framework*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 217-251.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4. ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5.ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2016.

VENDLER, Z. Verbs and Times. *Philosophical Review*, v. 66, n. 2, p. 143-160, 1957. DOI: <https://doi.org/10.2307/2182371>

WEXLER, K. The development of inflexion in a biologically based theory of language acquisition. In: RICE, M. L. *Toward a genetics of language*. Mahwah: Lawrence. Erlbaum Assoc., 1996. p. 113-144.

WEXLER, K. Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua*, Cambridge, MA, v. 106, p. 23-79, 1998. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(98\)00029-1](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(98)00029-1).